

PARTE I EXPLORAÇÃO DO TRABALHO, DOMINAÇÃO E OPRESSÃO DAS MULHERES

I.III MULHERES E RELAÇÕES DE GÊNERO: O DEBATE FRANCÊS DOS ANOS 1960-1970

HELENA HIRATA

FLS5174 – GÊNERO E TRABALHO. DESAFIOS NACIONAIS, DEBATES INTERNACIONAIS

PPGS/USP, 21.08.2017 (AULA 4)

ROTEIRO

- Introdução: Mulheres e relações de gênero: o debate francês dos anos 1960-1970
- As disciplinas e seu objeto: as mulheres e a relação entre os sexos na antropologia (N.C. Mathieu) e na sociologia (Madeleine Guilbert e Viviane Isambert-Jamati) dentro de uma perspectiva temporal
- A cronologia das obras: as pioneiras que estudam “mulheres” e “condição feminina”: Evelyne Sullerot, Marie-Josée Chombart de Lauwe, Madeleine Guilbert e Viviane Isambert-Jamati
- A repartição por sexo e as categorias de sexo: Nicole-Claude Mathieu (antropologia) e Danièle Kergoat (sociologia)

MULHERES E RELAÇÕES DE GÊNERO: O DEBATE FRANCÊS DOS ANOS 1960-1970

- Como evoluiu, na França, o tratamento da questão do trabalho e do gênero, entre o fim dos anos cinquenta e meados dos anos setenta? Os primeiros livros sobre o tema se referiam à "mulher" e à "condição feminina" e pouco a pouco emergem as noções de "repartição por sexo" e "categorias de sexo», mas ainda não « gênero ». Se nos estudos pioneiros sobre a condição feminina as mulheres eram apresentadas como uma categoria específica e tratadas à parte, a introdução de uma perspectiva comparativa entre homens e mulheres prenuncia o conceito de gênero e acaba por questionar o fundamento da sociologia do trabalho e suas correntes hegemônicas, representado pelo modelo do operário branco, de sexo masculino, da grande empresa industrial.

AS DISCIPLINAS E SEU OBJETO: ANTROPOLOGIA E SOCIOLOGIA

- Na França, as teorias sociológicas sobre as categorias de sexo e a divisão sexual do trabalho surgiram nos anos 70. A antropologia precedeu a sociologia no estudo da divisão entre os sexos numa perspectiva comparativa, pois essa disciplina tinha tradicionalmente um enfoque comparativo homens-mulheres, o que pode se constatar nas pesquisas francesas de dois antropólogos/as, Nicole-Claude Mathieu e Maurice Godelier, por exemplo, cujas pesquisas de campo datam dos anos 1960. Também na Inglaterra, os trabalhos da antropóloga Kate Young estudam a divisão do trabalho entre os sexos, não se restringindo às mulheres ou à condição feminina (1978).

VISIBILIDADE DAS MULHERES NOS ANOS 1960-1970

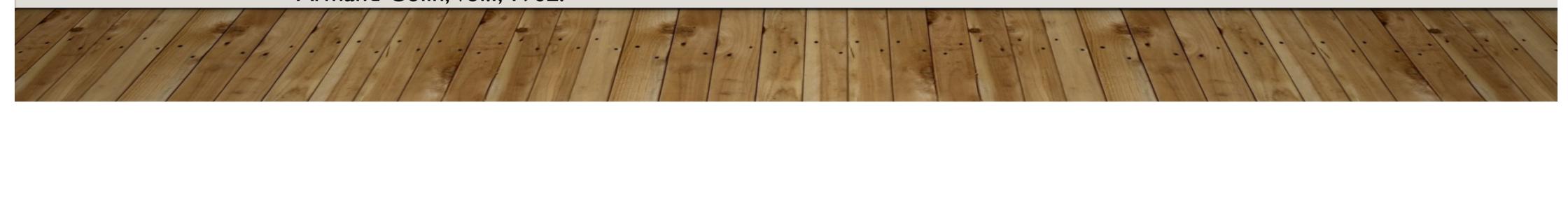
- NOS ANOS 1950-1960 AS MULHERES COMEÇARAM A ADQUIRIR UMA CERTA VISIBILIDADE NOS ESTUDOS SOBRE O TRABALHO E O EMPREGO
- ENTRETANTO PARA A SOCIOLOGIA DO TRABALHO, UMA PARTE DO TRABALHO REALIZADO POR ELAS NAO ERA CONSIDERADO TRABALHO.
- « *AS TAREFAS DOMESTICAS (...) NAO PODEM CONTUDO SER ASSIMILADAS AO TRABALHO PROFISSIONAL. MAIS ABAIXO, NO CAPITULO 16, ENCONTRAREMOS UM ESTUDO DAS ATIVIDADES EXTRA-TRABALHO QUE PERMITEM MELHOR APREENDER, POR CONTRASTE, A ESSENCIA DOS FENÔMENOS RELACIONADOS AO TRABALHO*” (G. FRIEDMANN, INTRODUÇÃO E METODOLOGIA, *TRAITÉ DE SOCIOLOGIE DU TRAVAIL*, VOL. I, PARIS, ARMAND COLIN, 1962, P. 22)
- Vê-se por essa citação que a constituição das mulheres como campo regional nao afeta o enfoque tradicional

A CRONOLOGIA DAS OBRAS :AS PIONEIRAS

OS ESTUDOS SOCIOLOGICOS RECONHECIDOS COMO ANTECEDENTES NO CAMPO

- MARIE-JOSEE CHOMBART DE LAUWE (COM PAUL-HENRI CHOMBART DE LAUWE, MICHÈLE HUGUET, ELLA PERROY, NOELLE BISSERET, 2 ANNEXES PAR PHILIPPE ROBERT, COLETTE GUILLAUMIN, NICOLE MATHIEU) *La femme dans la société. Son image dans différents milieux sociaux*, Paris: éd. du CNRS, 1963
- EVELYNE SULLEROT, *Histoire et sociologie du travail féminin*, Paris: éd. Gonthier, 1968; *La vie des femmes*, Paris, Gonthier, 1965

PRECURSORAS NA SOCIOLOGIA DO TRABALHO:

- VIVIANE ISAMBERT-JAMATI ET MADELEINE GUILBERT:
 - - *Travail féminin et travail à domicile. Enquête sur le travail à domicile de la confection féminine dans la région parisienne*, Paris, éd. du CNRS, 1958
 - - La répartition par sexe, in *Traité de Sociologie du Travail*, (dir) Georges Friedmann e Pierre Naville, Paris: Armand Colin, vol.I, 1962.
- 

PRECURSORAS NA SOCIOLOGIA DO TRABALHO: VIVIANE ISAMBERT-JAMATI ET MADELEINE GUILBERT

- VIVIANE ISAMBERT-JAMATI - « Les facteurs familiaux et professionnels de l'absentéisme féminin. Enquête sur huit établissements de la Région Parisienne », *Revue française du travail*, 1959, pp. 19-56.
- VIVIANE ISAMBERT-JAMATI « Adaptation au travail et niveau de qualification des femmes salariées », in R. Boudon et P. Lazarsfeld, *Méthodes de la sociologie. L'analyse empirique de la causalité*, Paris-La Haye, Mouton, 1966, pp. 66-80.
- MADELEINE GUILBERT- *Les fonctions des femmes dans l'industrie*. Paris/La Haye: Mouton,, 1966

M. GUILBERT E V. ISAMBERT-JAMATI: A REPARTIÇÃO POR SEXO (1962) I

- Sobre a questão dos critérios usados nas estatísticas e as dificuldades particulares para apreender a população ativa feminina, cf. as informações detalhadas e as considerações de Margaret e Meron (livro: *Un siècle de travail des femmes en France 1901-2011*, La Découverte, 2012 e o artigo das mesmas autoras no livro Abreu, Hirata, Lombardi sobre *Gênero e trabalho no Brasil e na França*, 2016; cf. também no mesmo livro o artigo de Nadya Araujo Guimaraes e Murillo M.A. de Brito)
- Sobre a descontinuidade na vida profissional, importante considera-la do ponto de vista da metodologia de pesquisa quando se trata da população ativa feminina

M. GUILBERT E V. ISAMBERT-JAMATI: A REPARTIÇÃO POR SEXO (1962) II

- Embora muitos dados desse capítulo estejam obsoletos depois de 55 anos, um dos mais evidentes é o da « situação matrimonial » ou da situação familiar da mulher trabalhadora. O número de mulheres casadas ativas aumentou nesse meio século tanto na França quanto no Brasil, assim como a porcentagem de mulheres ativas com filhos pequenos. Outra mudança se refere aos ramos de atividade e a categoria sócio-profissional das trabalhadoras, com a gênese do que chamamos a « polarização do emprego feminino »
- O que não impede de constatar um certo número de permanências, como vários « informes » das/os alunas/os notaram. As diferenças salariais são uma dessas permanências.

M. GUILBERT E V. ISAMBERT-JAMATI: A REPARTIÇÃO POR SEXO (1962) III

- A questão das incertezas quanto à inserção profissional evocada no texto em referência à formação profissional pode ser retomada hoje em função da crise econômica e do desemprego na França.
- Enfim, o grande ausente nesse capítulo é a problemática da relação entre trabalho doméstico e trabalho assalariado, embora indiretamente ela esteja presente quando se discute a inserção da mulher casada e da mulher com filhos. Também há uma frase na conclusão sobre « as tarefas assumidas pelas mulheres no interior da família » (p. 281, ed. francesa). Pode-se dizer também que não há nenhuma discussão teórica, que é deixada para os homens do Tratado (elas são as únicas mulheres pesquisadoras) o que contrasta com o livro de Heleieth Saffioti.

COLETTE GUILLAUMIN E NICOLE C. MATHIEU : ANNEXE II, LA FEMME DANS LA SOCIÉTÉ (CHOMBART DE LAUWE ET AL) I

- Ambas trabalhando para o CNRS, elaboram o Anexo 2 (p. 411-427) do livro *La femme dans la société* (1963), intitulado « Dados estatísticos sobre o trabalho profissional e as condições de vida das mulheres », em 16 p. mais bibliografia. É interessante notar que essa publicação nunca é citada quando se trata dessas duas grandes pensadoras feministas, a primeira sobre a raça, a natureza e o poder, e a segunda sobre as categorias de sexo e gênero
- Elas apontam:
 - 1) confirmação da precariedade do trabalho feminino
 - 2) a não-admissão da mulher no mundo do trabalho, em uma palavra o aspecto marginal da sua inserção (cf. o paralelo com Saffioti)

COLETTE GUILLAUMIN E NICOLE C. MATHIEU :ANNEXE II, LA FEMME DANS LA SOCIÉTÉ (CHOMBART DE LAUWE ET AL) II

- 3) o papel doméstico e o duplo encargo na vida da mulher (84h de trabalho semanal (domestico + profissional) para uma mãe de 3 filhos
- Mostram a correlação entre salario e qualificação, e entre absenteísmo e baixa qualificação. Mostram também que o absenteísmo diminui com a idade.
- O estudo confirma o papel de salario complementar da mulher e o papel de ajuda do homem no âmbito doméstico. Mostra que 91% de operarias dizem não ter ajuda de diaristas e empregadas, enquanto apenas 34% de executivos e profissionais liberais dizem não dispor desse tipo de ajuda.

MADELEINE GUILBERT AS FUNÇÕES DAS MULHERES NA INDÚSTRIA (1966) I

- Objetivo no preâmbulo do livro: « apresentar um trabalho sustentado por bases científicas solidas »
- Amostra representativa, segundo o projeto de M. Guilbert, com campo em 129 empresas da região parisiense e análise de 358 postos de trabalho (358 operarias).
- O livro contém a historia do trabalho feminino desde o século 19, estatísticas sobre a evolução do trabalho industrial e fontes bibliográficas sobre algumas poucas pesquisas empíricas anteriores sobre o trabalho feminino na indústria, além de uma apresentação minuciosa das características dos postos de trabalho femininos (condições de trabalho, saúde, qualificação, salários, etc).

MADELEINE GUILBERT AS FUNÇÕES DAS MULHERES NA INDÚSTRIA (1966) II

- Ela mostra como as mulheres são preferidas pela gerência para a limpeza de peças com panos, pois « fazem naturalmente bem (a limpeza) », « é sobretudo um trabalho de mulher, próximo dos trabalhos domésticos » (p. 118)
- Entretanto, M. Guilbert não faz a aproximação entre a formação das mulheres no trabalho doméstico para certas funções na indústria (destreza, minúcia, repetição, fazer várias coisas ao mesmo tempo, etc) como Danièle Kergoat (*Les Ouvrières*, Paris: Sycomore, 1982) e como Diane Elson e Ruth Person em *Nimble Fingers Make Cheap Workers: An Analysis of Women's Employment in Third World Export Manufacturing*, in *Feminist Review*, nº 7, 1981, p. 87-107.

MADELEINE GUILBERT AS FUNÇÕES DAS MULHERES NA INDÚSTRIA (1966) III

- M. Guilbert não trata do trabalho doméstico das operárias, nem da articulação entre o trabalho doméstico e o trabalho profissional, e essa é uma das grandes diferenças entre o tratamento dado por ela ao conceito de trabalho e à análise do universo do trabalho e pelas suas sucessoras, sobretudo Danièle Kergoat.
- O centro de sua pesquisa é o estudo das características do trabalho das operárias metalúrgicas, e não das relações sociais. Ela diz numa nota (p. 180, nota 34) que não estudou a relação com a chefia por falta de documentação, quando essa relação pode ser muito importante para estudar as questões de gênero na fábrica (cf. Donald Roy, *Sex in the factory. Informal Heterosexual Relations Between Supervisors and Work Groups*, in C.D. Bryant (ed), 1974)

AS PIONEIRAS, O MARXISMO E O FEMINISMO

- TODAS AS SOCIOLOGAS MENCIONADAS SE DIZEM FEMINISTAS, MAS NEM SIMONE DE BEAUVOIR NEM OUTRAS FEMINISTAS SÃO MENCIONADAS. ÚNICA EXCESSÃO: EVELYNE SULLEROT, EM “LA VIE DES FEMMES” (1965) ONDE CITA BEAUVOIR E FRIEDAN. A HERANÇA DA TEORIA MARXISTA É MAIS EXPLÍCITA, MAS HÁ NOVOS APORTES, COMO O DA PSICOLOGIA E DA PSICOLOGIA SOCIAL.
- DEVE-SE OBSERVAR QUE OS TEXTOS APRESENTADOS SÃO ANTERIORES AOS MOVIMENTOS SOCIAIS DE 1968 (MAIO DE 1968 NA FRANÇA).

OBSERVAÇÕES DE GUILBERT (1999) E ISAMBERT-JAMATI (2007) NAS ENTREVISTAS PARA TRAVAIL, GENRE ET SOCIÉTÉS I

M. Guilbert faleceu aos 96 anos em 2006. Ela fez parte da Resistência durante a guerra, entrou no PCF, e integrou o Ministério do Trabalho. Entrou no CNRS em 1950 e ficou como “Maître de recherches” (atual “Directeur de Recherche) até 1969, quando passou a professor titular na Universidade de Tours até 1979.

Diz-se feminista e socialista e integra o Movimento Democrático Feminino, para a candidatura de Mitterrand a presidente em 1965. Faz o doutorado com Gurvitch com uma dupla tese, “As funções da mulher na indústria” e “As mulheres e a organização sindical antes de 1914”.

Fez a primeira pesquisa sobre trabalho temporário na França, publicada em 1970.

Baudelot e Establet dedicam o livro “Allez les filles” à M. Guilbert e a V. Isambert-Jamati, “primeiras em sociologia”. G. Friedmann que a recrutou para o CNRS obteve acesso às fabricas Renault para o campo de M. Guilbert. Seus pais eram professores primários.

OBSERVAÇÕES DE GUILBERT (1999) E ISAMBERT-JAMATI (2007) NAS ENTREVISTAS PARA TRAVAIL, GENRE ET SOCIÉTÉS II

- V. Isambert-Jamati tem 93 anos. É viúva do filósofo François Isambert, recentemente falecido. A mãe era pintora, o pai era historiador, professor universitário e responsável de ciências humanas no CNRS. Junto com M. Guilbert, é uma das primeiras mulheres sociólogas na França e uma das primeiras a estudar o trabalho feminino. Foi recrutada por Friedmann ao CNRS em 1947. Escreveu em 1962 no Tratado... com M. Guilbert, e antes, em 1956, também com M. Guilbert, sobre trabalho a domicilio. Em 1962 criou uma equipe de sociologia da educação no CES (Centro de Estudos Sociológicos do CNRS). Dirigiu 125 teses. Acreditava que era a educação que tornava as mulheres submissas. Publicou um estudo sobre o absenteísmo feminino: « Trabalhar sobre o absenteísmo feminino era o que havia de mais feminista (na época) ». Se consideravam feministas em 1950-1960, « embora as feministas dos anos 1970-1980 não reconheceram (que éramos feministas) ». Conheceu os operários nos últimos dois anos da Resistência e quis estudar a condição operaria.

NICOLE-CLAUDE MATHIEU E A DEFINIÇÃO SOCIOLÓGICA DAS CATEGORIAS DE SEXO (1971) I

- Prologo: leitura do pequeno texto “Minha vida” que abre o livro póstumo de N.C. Mathieu, *L’Anatomie Politique 2*. Paris: La Dispute, 2014.
- 3 variáveis fundamentais: classe, sexo, idade: categorias biológicas e variáveis sociológicas
- “ Assim vemos que não existe um domínio constituído da sociologia tendo por objeto as categorias de sexo. Não existe uma sociologia dos sexos” (*Notes pour une définition sociologique des catégories de sexe*, 1971, p. 29).

NICOLE-CLAUDE MATHIEU E A DEFINIÇÃO SOCIOLÓGICA DAS CATEGORIAS DE SEXO (1971) II

- *“A categoria mulher não existe (...) trata-se de uma obliteração real (id.ib. p 35)*
- *“A categoria homem não existe (...) acreditamos falar em geral enquanto que na realidade falamos no masculino” (id. lb. p. 35)*

« Por outro lado, na medida em que nas nossas sociedades as duas categorias de sexo cobrem a totalidade do campo social, parece lógico que toda especificidade de uma se defina apenas na sua relação à especificidade da outra, e que uma como a outra não possam ser estudadas isoladamente, ao menos sem que tenham sido previamente plenamente conceitualizadas como elementos de um mesmo sistema estrutural » (Id.ib. p. 36-37).

DANIÈLE KERGOAT: ARTICULAÇÃO TEÓRICA DE DUAS VARIÁVEIS: SEXO E CLASSE SOCIAL (1978)

A classe operaria não é homogênea, ela é atravessada por diferenças de sexo, de origem nacional (trabalhadores imigrantes), de idade.

A sociologia se interessa pelas praticas sociais e quer ser uma sociologia em termos de relações sociais e não uma sociologia da dominação. Patriarcado e capitalismo se combinam, e “exploram dominando e dominam explorando” (p.44)

Autonomia das categorias homem e mulher. Tempo de trabalho doméstico e profissional das operarias : fenômenos de osmose. Trabalho profissional e doméstico são indissociáveis na análise da atividade feminina.

Problemática da “consciência de sexo e consciência de classe”

CONCLUSÃO

- Ausência da « raça » no debate francês dos anos 1960-1970, mesmo quando o objeto é a categorização .
- O que distingue as duas últimas pensadoras francesas N.C. Mathieu e D. Kergoat e as duas primeiras, M. Guilbert e V. Isambert Jamati, além das diferenças de geração, é que as últimas se reivindicam do feminismo materialista, que D. Kergoat define como « *uma das correntes de pensamento crítico as mais ricas do período contemporâneo* » (discurso proferido no enterro de N.C. Mathieu no dia 14/03/2014).
- Marxismo, materialismos e feminismos : objetos da próxima aula

TEMAS PARA DEBATE A PARTIR DOS INFORMES

Pontos selecionados por Nadya para abrir o debate

I. O GÊNERO E SUA FLEXÃO NA LINGUAGEM (A PROPÓSITO DO TEXTO DE NICOLE CLAUDE-MATHIEU)

- O uso da linguagem neutra (@ ou X) no trato contemporâneo como forma de "incluir sem enquadrar, privilegiando um gênero"(Amanda)
- *nos termos de NCM podemos seguir nos problematizando sobre o que leva uma comunidade a alterar suas formas de estabelecer objetos/nomeá-los, portanto, ou a eludi-los (por comunidade, como NCM, tomo tanto o termo para referir a sociedade como um conjunto, num momento do tempo, como para aludir à própria comunidade científica)*
- *será possível dizer que nos demos a chance de "incluir sem enquadrar" se/quando a heteronormatividade passou a ser posta em questão e o gênero tanto quanto o sexo, deixam de ser binários?*
- *Mas, notar isso que não é algo linear, haja visto que antes já havia o gênero "neutro" em sociedades (e isso se expressava na linguagem, vide o latim)*
- Por que a ausência (ou menor interesse) dos homens em estudar as mulheres, vide nossa disciplina? (Amanda): *podemos seguir pensando (nos termos de NCM) que ... quando tratávamos do outro distante, como na Antropologia, percebíamos a natureza dual das sociedades ... quando tratamos o "nosso" outro, concebemo-lo por oposição a nós mesmos...*

AS ESTATÍSTICAS SOBRE O MERCADO DE TRABALHO (A PROPOSITO DE GUILBERT E ISAMBERT-JAMATI) - I

- Interessante o atentar para tratar tanto o crescimento da participação como a forma de inserção... gancho para “o feminino” (Amanda), ressaltando aspectos essenciais à especificidade da inserção feminina como a descontinuidade do seu trabalho, a fronteira cinzenta entre trabalho e não-trabalho quando se trata da atuação produtiva das mulheres na agricultura (Carla Benitez), qualificação (Ivana)
- “É nítido que pouca coisa mudou” desde o momento em que Guilbert e Isambert-Jamati escreveram o capítulo (Cf. Geni + Juliana Wruck + Ana Julieta destaca a responsabilidade pelos filhos e o absenteísmo feminino/passagem à inatividade, a brecha salarial) – *podemos tomar o caso do Brasil para pensar que muitas coisas mudaram e problematizar as “novas permanências”... exemplo? A própria tx de participação das mulheres, o padrão de permanência no mercado, e a bipolaridade da inserção feminina com a heterogeneidade crescente entre as mulheres... Em que nível mais geral se colocam as permanências? Uma questão interessante que pode remeter a temas como patriarcado, opressão, divisão sexual do trabalho, m(p)aternidade, partilha das tarefas domésticas ... o que nos remete ao reparto diferenciado do custo dessas mudanças entre H e M*

AS ESTATÍSTICAS SOBRE O MERCADO DE TRABALHO (A PROPOSITO DE GUILBERT E ISAMBERT-JAMATI) - II

- Como capturar essa inquietante sensação de permanência? Pela força do pensamento francês que constitui as problemáticas legítimas a estudar e/ou pela inércia estrutural (Marcel) ? Mas – e ainda cf Marcel – há fatos novos que marcam os elementos externos ao trabalho (ex: papéis nos domicílios homossexuais, ou efeitos do encarceramento e mortalidade seletiva por raça e idade no caso Brasileiro)
- Mas há no texto narrativas que revelam uma percepção estereotipada ou generalizada com respeito à atuação profissional da mulher (Ana Maciel, Beatriz Sanchez, Clarissa Viana): por exemplo quando Guilbert e Isambert-Jamati referem ao “ajuste à personalidade feminina” ou ao “ajuste a qualidades especificamente femininas” serão essas prenoções a que tampouco escapam as próprias pesquisadoras, enquanto elas mesmas parte de uma sociedade que analisam? Ou em, cf Julia Neiva “o exercício de uma atividade profissional não oferece para a mulher senão um caráter secundário” + Será (nos termos de NCM) que a conscientização livrará a análise científica desses riscos de deslizamentos?
- A abordagem linear de Guilbert e Isambert-Jamati dificulta o entendimento dos processos que têm lugar em nossos países (Beatriz Sanchez) *interessante o tom de época (peso das teorias da modernização) em que a industrialização é o processo modernizante, o carro chefe*

AS ESTATÍSTICAS SOBRE O MERCADO DE TRABALHO (A PROPOSITO DE GUILBERT E ISAMBERT-JAMATI) - III

- Mariana Mazzini e a solução de uma dinâmica “nao-guetizada” do campo, a transversalidade (*gancho muito interessante para abrir a parte subsequente do programa*) – como exemplo a questão das politicas publicas e a realidade do tangenciamento dos dois campos (política pública e estudos de gênero). Mariana Fagundes sublinha idêntica guetificação sobrevivendo no campo da saúde e os desafios para uma transversalidade de politicas e praticas. Notável o exemplo de Maria Celeste sobre a LER como enfermidade feminina e o pejorativo d’as “lerdas” + Patricia Maeda também o destaca para o campo do Direito do Trabalho
- Pensando com Juliana Wruck se não nascemos mulher e sim nos tornamos mulher, como essas diferenças podem impactar tanto, já que são todas construções sociais, ou seja nossas próprias construções?
- O desafio metodológico ainda presente (Cristina Bruschini, uma pioneira + *os textos do livro Boitempo/L’Harmattan + no mundo francês Meron e Maruani, hoje*): como medir para não sub-representar ao eludir especificidades daquele grupo que se quer descrever (Bruna Padilha); os dados podem esconder (Carla Benitez)

GÊNERO, SOCIOLOGIA DA FAMÍLIA, SOCIOLOGIA DO TRABALHO

- Há avanços nas interpelações às pioneiras, mas há limites ao não criticarem as categorias empregadas pela sociologia do trabalho, por não explorarem os elos entre trabalho doméstico e trabalho profissional, tratando-os de modo exclusivo (Bruna Padilha / Clarissa Viana)
- há avanços na sociologia francesa (desse momento inicial) no sentido de procurar tratar o tema do trabalho doméstico:
 - explorando o elo com o trabalho assalariado (Carla Benitez a propósito de HH), mas de maneira a escapar à métrica da teoria do valor, como enquadramento para tratar o trabalho doméstico (Bruna Padilha); mais que simplesmente discutir se é trabalho ou mesmo se é trabalho produtivo e improdutivo, notável chamar a atenção para “a estrutura de relação social implicada no trabalho doméstico no capitalismo” (Carla Benitez a propósito de HH), o que ecoa Angela Davis/tr. doméstico como pré-condição para o trabalho no capitalismo e H. Saffioti/as forças produtivas ao se desenvolverem aprofundam o aprisionamento da mulher no trabalho doméstico
 - o tema do trabalho doméstico – em suas várias formas - é essencial nesse momento: *lembrar que esse era “o” objeto para muitas feministas (Heleieth Inlusive)* + o que se antevê com a perda de direitos na recente reforma trabalhista brasileira que ampliará a sobrecarga doméstica, em especial no cuidado de crianças e de idosos (cf Carla Benitez) + o debate controverso entre as feministas com respeito à bandeira do “salário para as donas de casa” ou a ressignificação do trabalho doméstico enquanto instrumento de resistência, diferentemente de A. Davis (Cf Carla Benitez)

O DESAFIO DE ESTUDAR A FORMAÇÃO DE UM CAMPO - I

- (Fernanda Haag): gênero como um tema extemporâneo à época na França... onde o mundo intelectual era dominado pelos homens (M. Perrot @ Pagu cf Haag ver depoimentos de C. Marry e de R. Rogers em nossa serie de vídeos “Genero, Trabalho e Feminismos”) ... mas o que se passava nesse momento com o campo nos países anglofones?
- Ivana, cf Hirata: a constituição do campo enquanto um “campo regional” onde as especificidades das mulheres operam por acréscimo a um campo já constituído sem desafiar as categorias dele constitutivas (o que se exemplifica no próprio modo como Guibert e Isambert-Jamati têm seu texto incluído na coletânea de Friedman e Naville)

O DESAFIO DE ESTUDAR A FORMAÇÃO DE UM CAMPO - II

- Henrique: onde, no limite, estaria o mal-estar com o marxismo, sempre referido por sua suposta “ortodoxia”... se as vertentes contemporâneas são múltiplas (*olho no contemporâneo – anacronismo – e os modos como as leituras de Marx e os marxismos foram se diferenciando no tempo*) +
- Ainda Henrique: Será que a dificuldade do campo na França com a noção de gênero vinda da tradição dos gender studies não se deve à distancia destes com respeito ao campo do trabalho (cf Kergoat)?
- Ainda Henrique: o elo entre gênero e trabalho será central no feminismo materialista, que ganha força no momento ... *ótimo gancho, convergente com nossa maneira de armar o curso e a trajetória do campo*

O DESAFIO DE ESTUDAR A FORMAÇÃO DE UM CAMPO - III

- Risco de pensar a história de um campo como uma transição linear e pacífica/não disputada entre categorias: ex. (cf Mariana Afonso) da passagem da categoria sexo à categoria gênero... “conceito de gênero como fazendo referência a uma construção social, como que “superando” a utilização do termo sexo (que faria referência a determinações biológicas e naturalistas) nas ciências humanas”
- Outro desdobramento interessante para a aula sobre o feminismo materialista vem de Mariana Afonso: como está a conjuntura atual do feminismo materialista francês em relação à utilização ou não do conceito gênero. Por parte das que adotam o conceito atualmente, teriam sido superadas as resistências por se tratar de uma teorização estrangeira? E em relação às razões apontadas por Cisne (2014) apoiando-se em Falquet (2012), haveria mesmo um negligenciamento das mulheres na utilização atual do conceito de gênero? Se sim, é possível superá-la utilizando o conceito? Ou seria o caso de, agora, descartá-lo?

O DESAFIO DE ESTUDAR A FORMAÇÃO DE UM CAMPO - IV

- Iuri: não seria possível (seguindo pista de Dubar) explorar esse momento de que tratam as autoras com as ferramentas deixadas por CD a respeito das duas crises (da família e do trabalho) na França de então?
- Ainda Iuri – seguindo quase sem querer a NCM: a Sociologia recebe tardiamente o tema (que a Antropologia, e seu interesse no outro) por se centrar no sujeito da modernidade, o homem ocidental
- Mariana Mazzini: ampliar ou reestruturar os conceitos? *Ainda o tema do regional, apanhado agora em outro registro*
- Mas, e o que dizer do movimento inverso, em que categorias são guetificadas, ex a noção de classe e seu uso contemporâneo em estudos socio-demográficos das desigualdades (Mariana Mazzini)
- E ainda Iuri: como a recepção do termo gênero e dessa abordagem se passa no Brasil? *Interessante o gancho: pois esse será o objeto da nossa disciplina*
- Julia Neiva: como a inclusão na política afeta a vitalidade dos movimentos e da academia (paralelo Mitterrand e Lula)

INTERSECCIONALIDADE: SEUS DESAFIOS ANALÍTICOS ONTEM E HOJE - I

- há avanços no esforço por interseccionar gênero e classe, mas há um silêncio quanto à questão racial (Beatriz Sanchez / Bruna Padilha), mesmo se os primeiros escritos do *Black Feminism* já estivessem sendo produzidos (Beatriz Sanchez a proposito de HH): *vide a nota de rodapé de NCM sobre a questão racial e sua remissão a Collete Guillaumin + olho para não cairmos na derrapagem do anacronismo... risco notável quando pensamos um campo em perspectiva histórica*
- Interessante o olhar atento para a intersecção com a idade (Bruna Padilha): *mas será que NCM faz mesmo um investimento na intersecção com idade ou ela traz para debate uma ideia sensacional fazendo a analogia entre o sexo social e a idade social (com Aries) ... onde idade aparece como um motivo / um modo de entrada, ao qual se deveria aplicar também a análise do sexo?*

INTERSECCIONALIDADE: SEUS DESAFIOS ANALÍTICOS ONTEM E HOJE - II

- Cecilia Barreto: Efetivamente, há poucos estudos sobre **branquitude**, quando se fala em raça; sobre **masculinidades**, quando se fala em gênero; e sobre **cisgeneridade**, quando se fala em identidade de gênero. Os dominados são estudados antes dos dominadores (p. 32). Assim como NCM, crê ser importante analisar quem eram (e ainda são) os produtores de conhecimento - em sua maioria homens, brancos e cisgêneros. (Nessa linha, até mesmo eu, diz Cecilia, sou uma mulher cisgênera e estudo (a falta de) acesso das pessoas transgêneras a direitos).
- Cf. Cecilia Barreto: a dificuldade de reconhecimento das pessoas transgêneras no Brasil pode estar atrelada, inclusive, à falta de instrumentos linguísticos para referi-las. Como é possível construir uma identidade não-binária, por exemplo, se todo seu referencial linguístico e lógico é binário? *Mas, será mesmo o caso de reduzirmos os limites políticos aos limites linguísticos, mesmo aceitando a importância destes, e dizer, como Cecilia, que na Alemanha, pela possibilidade aberta pelo neutro, a jurisprudência a favor do reconhecimento e da garantia dos direitos de pessoas trans tem ganhado destaque, enquanto no Brasil caminha a passos lentos? Tomando o Global Gender Gap Index e sua conclusão de que que „países onde as línguas são generificadas evidenciam menor igualdade de gênero, em comparação com países com outros sistemas gramaticais“... o que vem antes?*

INTERSECCIONALIDADE: SEUS DESAFIOS ANALÍTICOS ONTEM E HOJE - III

- José Baboin: É possível aceitar que o avanço nos estudos sobre masculinidades possa promover avanços em termos de equidade de gênero? *De novo o tema da consciencia*
- Cf Juliana Kiwomura: Se pensarmos no mercado de comunicação, publicidade e propaganda, nota-se hoje uma variedade de revistas, em grande parte no meio digital, que estão renovando o debate de gênero e papel do feminino. Neste sentido, o próprio uso da língua e da linguagem tem ganhado novos contornos quando muitas destas publicações utilizam termos neutros, o que, na gramática da língua portuguesa, isso é algo que não existe. Ora, cf Juliana: o debate desta nova geração pode ser considerado algo contíguo ao que já havia nas décadas de 60 e 70?
- O quanto, de fato, a mídia hegemônica vem se apropriando de uma conscientização desta problemática?